

**John Reed e a Revolução Mexicana:
contribuições para uma história imediata**

Júlio César Lobo¹

Resumo

O objetivo desse ensaio é analisar detidamente o livro *México Insurrecto*, propondo a reportagem de guerra nele desenvolvida por John Reed no Norte do México, entre 1913-1914, como um exemplo de História imediata. Um dos pontos de partida para a nossa aposta é que, no período enfocado, tanto a atividade do historiador quanto a do jornalista ainda não estavam tão rigidamente definidas, em termos acadêmicos, que impedisse essa aproximação. A principal fonte teórica de nossa proposição é fortemente vinculada às posições defendidas pelo historiador cultural Peter Burke, notadamente em *História e teoria social* e *A escrita da história*. Além do mais, buscamos evidenciar as contribuições desse jornalista norte-americano, famoso mundialmente pelo livro *Os dez dias que mudaram o mundo*, como inovações para a cobertura de guerras civis, bem como de que forma o seu texto no primeiro livro citado incorpora criativa e criticamente conceitos e aportes fundamentais das teorias da História, das Ciências Sociais e da literatura.

Palavras-chave: Revolução Mexicana e jornalismo. História da América, jornalismo e John Reed. John Reed, História, jornalismo e interdisciplinaridade.

Abstract

The purpose of this essay is to analyze carefully the book *México Insurrecto*, proposing war reporting therein developed by John Reed in northern Mexico between 1913-1914, as an example of immediate history. One of the starting points for our bet is that in the period focused as much activity as the historian of the journalist were not so rigidly defined in academic terms, that prevented this approach. The main source of our theoretical proposition is strongly linked to the positions advocated by cultural historian Peter Burke, especially in *History and Social Theory* and *The Writing of History*. Furthermore, we seek to highlight the contributions of this American journalist, world famous by the book *The ten days that changed the world* as innovations to cover civil wars as well as how your text in the first book quoted creative and incorporates critically concepts and fundamental contributions of the theories of history, social sciences and literature.

Keywords: Mexican Revolution and journalism. America's history, journalism and John Reed. John Reed, History, journalism and interdisciplinarity.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação (Estética do Audiovisual) pela Universidade de São Paulo (2002), autor de *Cinema e sociedade no Brasil: análise de mensagens* (EDUFBA, no prelo) e coautor de *Glauber, a conquista de um sonho* (Belo Horizonte: Dimensão, 1995) e *História e Cinema* (São Paulo: Alameda, 2011), entre uma dezenas de títulos. Entre outubro de 2000 e julho de 2001, foi Junior Visiting Scholar junto ao Instituto de Estudos Latino-americanos (ILAS) da Universidade do Texas em Austin. É professor-titular aposentado do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), professor-associado III da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e professor-orientador do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares e Cultura e Sociedade (Pósultura) também da UFBA.

Introdução

A nossa aposta em um trabalho de natureza histórica na coleção de reportagens de John Reed baseia-se numa visada sincrônica. O que isto quer dizer? Queremos dizer que o estamos tomando como um historiador, levando em consideração aspectos multidisciplinares em seu enfoque, mas e, principalmente, a tênue conceituação que a atividade de historiador possuía à época em que ele produz os textos em foco. Em geral, os historiadores daquele tempo, que chamaremos de “historiadores tradicionais” - para os quais era irrelevante o porte de um diploma universitário nessa especialidade - entendiam a História, na síntese de Burke (1992,p.7-37) com os seguintes traços: *a)* uma narrativa de acontecimentos; *b)* a apresentação dos fatos aos leitores “como eles realmente aconteceram”, um ideal contemporaneamente aceito como “irrealista”; *c)* a História diz respeito essencialmente à política: “História é a política passada; a política é a História presente”; e *d)* “uma visão de cima, no sentido que se tem sempre concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais - no caso de Reed, Pancho Villa - ou, ocasionalmente, eclesiásticos.

Um outro ponto da ancoragem que propomos, associando a prática jornalística do correspondente de guerra em 1913-1914 com a elasticidade que a disciplina História comportava à época, também encontra uma referência na prática teórica de Burke (1992,p.171), especialmente quando ele está discorrendo sobre o uso de fontes, documentos e tempo serial pelos historiadores “tradicionais”: “A objetividade, requerida pelos membros mais tradicionais da profissão histórica, é colocada em grande parte sobre a suposta força de dedução, extraída de um estudo concentrado da *lógica da narrativa* belamente estruturada”. Para Le Goff (2003, p.33), a “objetividade histórica” é produzida lentamente por meio de “revisões incessantes do trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulação de verdades parciais”.

Toda essa conceptualização acima sobre os historiadores “tradicionais” poderia, quem sabe, ser resumida como a “História convencional”, cujo enfoque seria o seguinte: “A história da humanidade é reduzida a uma sucessão cronológica e retilínea de datas, providas com fatos de teor imanente. Uma sucessão organizada a partir de uma seleção prévia de fatos históricos e memórias com o objetivo de construir um informativo da História para fins de representação ideológica” (BURKE, *op. cit.*). É claro que essa visão sofreria a primeira e grande contestação, pontualmente, a partir de 1929 com a Escola dos *Annales*, que enfatizará “problemas” em detrimentos dos “eventos”.

Se a qualificação nossa - digamos arbitrária - de Reed como um historiador apegasse sincronicamente ao que expomos mais acima, a aposta na qualidade de seu trabalho apoia-se em visões mais contemporâneas, mais propriamente aquelas defendidas nas obras teórico-metodológicas de Peter Burke (2002), principalmente em *História e teoria social*, publicada originalmente em 1992. Partindo de uma questão-chave - “Qual é a utilidade da teoria social para os historiadores e qual a utilidade da história para os teóricos sociais?” - esse historiador elenca um conjunto de “conceitos centrais” e “questões centrais” para uma prática interdisciplinar, por sinal, muito cobrada hoje, principalmente na Academia na subárea das Ciências Sociais Aplicadas em que o Jornalismo, por exemplo, se insere. Entre os primeiros, destacamos, para os nossos propósitos, sexo e gênero e classe e, entre as

questões, nos apoiaremos na defesa que ele faz a propósito da relação “fato e ficção” na atividade do historiador. Nesse último aspecto, nos motivamos pela incisiva indagação que aquele historiador inglês faz a Hayden White e aos teóricos da narrativa: “É a história um gênero literário ou um conjunto de gêneros, que formam algo distinto?” (BURKE, 2002, p.179-80).

Aos questionamentos acima, poderemos acrescentar que, dados os devidos descontos, o texto de Reed incorpora pioneiramente práticas que, hoje, são praxe na etnografia mais atualizada: a observação participante, a história de vida, o estudo de caso, os movimentos do observador para “abrir-se para o outro”, o poder nos movimentos sociais e uma atenção para as representações de etnocentrismo e racismo. Por sinal, com relação ao tópico “abrir-se para o outro”, é estimulante se observar no livro de Reed em pauta como ele se mantém próximo do clássico Heródoto (1982), no pioneiro *História*, trechos 35-36, na preocupação em relatar as alteridades com que se defronta de que é exemplo o trecho abaixo sobre os egípcios:

Da mesma forma que o Egito tem um clima peculiar, e seu rio é diferente por sua natureza de todos os outros rios, todos os seus costumes e instituições são geralmente diferentes dos costumes e instituições dos outros homens. Entre os egípcios, as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte, se tece levando a trama de baixo para cima, mas os egípcios levam-na de cima para baixo. Os homens carregam fardos em suas cabeças, mas as mulheres os carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens, acorados. Eles satisfazem as suas necessidades naturais dentro de casa, mas comem do lado de fora, nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas do corpo devem ser satisfeitas secretamente, enquanto as não-vergonhosas devem ser satisfeitas abertamente. Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina; os homens são sacerdotes de todas as divindades. [...] Os egípcios e os outros povos que aprenderam o costume com eles são os únicos a praticar a circuncisão. [...]. Os helenos escrevem e calculam movendo a mão da esquerda para a direita; os egípcios movem-na da direita para a esquerda...

Creemos que Le Goff (2003), ao citar Heródoto, a propósito da crítica interna dos documentos, é quem nos ajuda a aproximar, dados os devidos descontos, a abordagem da alteridade étnica por Reed com aquela feita pelo historiador grego, de cujo exemplo há o trecho acima, quando ela afirma que, com o primeiro, o que contava, em sua “narração histórica”, não era a “importância do testemunho”, pois, para ele, o testemunho “por excelência” era o testemunho pessoal, “aquele em que o historiador pode dizer: vi e ouvi. Isto é especialmente verdade na parte de sua investigação dedicada aos bárbaros, cujo país percorreu durante suas viagens” (p.112).

Um observador participante?

Formado em Direito na Universidade Harvard em 1910 aos 23 anos, John Reed pouco uso fez desse diploma, exercendo várias atividades de mão-de-obra não-especializada até tornar-se um jornalista, quando já era contista e poeta. A sua carreira na imprensa norte-americana começa em 1912 ao colaborar com a revista mensal radical *The Masses*, fundada em 1911 em Nova Iorque e que durou até 1917 - para a qual sempre escreveu de graça -, publicação interessada por assuntos sociais. Essa posição dele, antes de ser considerada

filantrópica, talvez deva ser vista como um exemplo daquilo que a sociologia weberiana entende como um dos tipos do político profissional: aquele que vive “para” a política – ao contrário daquele que vive “da” política –, não necessitando assim de remuneração para o exercício de sua prática política (WEBER, 1982).

Em 1913, Reed cobre a greve dos trabalhadores têxteis de Paterson (Nova Jersey, EUA), é preso e torna-se popular entre esses operários. Até então, a sua proximidade com os movimentos sociais era apenas a de um leitor interessado na cobertura da greve dos mineiros (1897), dos maquinistas e dos metalúrgicos (1901) e dos empregados de frigoríficos (1904) em vários pontos dos Estados Unidos. Com a greve de Nova Jersey, ele tem a oportunidade de passar de um “observador neutro”, noção que faz parte da mitologia da “neutralidade jornalística”, para um “observador participante”, uma vez que se insere no cotidiano das práticas daqueles que deveriam ser os objetos de seu relato. A reportagem sobre esse evento publicada na seleção *Eu vi um mundo novo nascer*, já começa editorializando:

Há guerra em Paterson, New Jersey. Uma guerra peculiar, pois toda a violência é obra de apenas uma das partes – os donos das fábricas têxteis. A polícia que os serve golpeia homens e mulheres indefesos e atropela a cavalo aqueles que respeitam a lei. Seus mercenários contratados e seus detetives armados atiram em pessoas inocentes e as matam. Seus jornais em Paterson, o *Press* e o *Call*, publicam apelos incendiários de incitação ao crime, defendendo a violência contra os líderes da greve. Seu instrumento, o juiz municipal Carroll, impõe duras sentenças para os pacíficos grevistas, que a polícia trata de capturar. Eles controlam completamente a polícia, a imprensa e a polícia (REED, 2001, p.41).

Ao final da terceira página (texto do livro citado), o repórter já se inclui entre aqueles a quem iriam reportar: ele é preso. Nessa condição, Reed passa a ser testemunha da degradação, a que estavam expostos os aprisionados, e da promiscuidade a que eram submetidas crianças pequenas – estas recebendo uma “comida pobre, em condições que enlouquecem até homens adultos” -dividindo as celas com drogados, vagabundos e “homens repugnantes”. E mendigos, sentenciados a seis meses de cadeia pela sua condição. É difícil aceitarmos a ideia de que esse jornalista não soubesse que a sua prisão, entre outras coisas, estava associada, àquela época, na cultura jurídica penal norte-americana, pelo menos, à influência nela exercida pelo pensamento de Scipio Sighele. No livro desse sociólogo italiano *A massa criminosa*, de 1891, trabalhando na linha de uma “Psicologia coletiva”, ele colocava sob a rubrica de “crime de massa” todas as “violências coletivas da plebe, indo das greves operárias, como aquela de Paterson, às revoltas públicas. E mais: “Em toda a multidão, há condutores e conduzidos, hipnotizadores e hipnotizados. Só a sugestão explica como os segundos passam a seguir cegamente os primeiros” (MATTELART, 1999, p.23). Na segunda edição da citada obra, em 1901, Sighele faz um acréscimo, que cabe como uma luva para uma eventual justificativa da Polícia de Nova Jersey para o enclausuramento de Reed: “As novas formas de sugestão são representadas pelos órgãos de imprensa, e o jornalista é retratado como um agitador, e seus leitores como 'o gesso molhado sobre o qual a mão dele deposita a sua marca'" (idem, ibidem).

Escrevendo para a grande imprensa, Reed aqui solidifica o seu comportamento iniciado com as colaborações com *The Masses*. Mais ainda: rompe com uma política,

patronal, defendida pela agência Associated Press (AP), a partir de 1856, de que o trabalho do repórter é “comunicar fatos” (sic). As intenções dele não devem permitir qualquer tipo de comentário sobre eles, sejam quais forem. Claro que há aqui um equívoco, que não era apontado à época: a diferença entre fenômeno, o acontecimento, o evento, e a sua representação, o fato. Saído da prisão, ele se torna subeditor da *American Magazine*, emprego que largaria para organizar uma apresentação teatral sobre a paralisação citada acima no ginásio do Madison Square Garden (Nova Iorque). Após esses eventos, que lhe trouxeram notoriedade, ele é contratado pela revista *Metropolitan* para cobrir a Revolução Mexicana, partindo para lá no final do outono de 1913 onde permanece por quatro meses.

Essas reportagens e perfis, resultado de quatro meses de trabalho de campo, reelaborados, foram reunidos em 1914 no livro *Insurgent Mexico*, cuja edição portuguesa (2000), aquela por nós consultada, não registra as datas originais de publicação dos respectivos textos, detalhe que prejudica tanto uma abordagem sincrônica quanto uma abordagem diacrônica, que sinalizaria para a gradação entre as suas posições iniciais de mais um jornalista estrangeiro e aquela, ao final, de intelectual engajado nas fileiras de Pancho Villa. Além disso, também não há indicação de quais textos foram editados por quais das duas revistas norte-americanas. Esses dados são uma das limitações com que se defronta esse nosso trabalho, mas, cremos, elas não inviabilizam as apostas nele contidas.

O jornalista, poeta e contista norte-americano John Reed seguiu para o México no final de outubro de 1913, quando a fase armada da Revolução Mexicana – que era o interesse da mídia dos Estados Unidos – estava em seu terceiro ano. Se ele tivesse tido interesse em se informar sobre o evento, além do que estava disponível na imprensa daquele país até então, teria material abundante, uma vez que não se passara um dia sem notícias, em geral telegráficas, sobre aquela insurreição abaixo do Rio Grande.

Se, além do está exposto acima, Reed resolvesse se atualizar sobre o que a mídia audiovisual, o cinema, havia produzido tanto em termos de documentários como em filmes de ficção, também dispenderia algum tempo com isso. Se Reed resolvesse aprimorar as suas técnicas de apuração, construção de perfis e descrição de combates em coberturas de repórteres de guerra, apenas em língua inglesa, também a bibliografia seria avassaladora. Por questões de espaço e de foco no objetivo principal, levantaremos breve referências-chave de uma bibliografia que Reed poderia ter consultado sobre a cobertura de guerras no estrangeiro. Talvez a mais relevante para os propósitos dele publicada até então fosse o livro *The British expedition to Crimea*, de William H. Russell (LEWIS, 2008, p.19-33), editado em Londres em 1877, reunindo a cobertura dele da Guerra da Crimeia para o diário londrino *The Times*. Das breves indicações bibliográficas listadas acima, reproduziremos abaixo trechos vitais da reportagem “A batalha de Balaclava”, de W.H. Russell, evento ocorrido em 25 de outubro de 1854, e relatado em 14 de novembro seguinte, fracionando a amostra do seu texto para efeitos de exposição das técnicas empregadas:

a) comparação: “Se a exibição do mais brilhante valor, do excesso de coragem e de uma ousadia, que refletiria lustro nos melhores dias da cavalaria, pode oferecer plena consolação pelo desastre de hoje, não temos motivos para lamentar a melancólica perda que sofremos numa disputa com um inimigo selvagem e bárbaro” (LEWIS, 2008, p.19-20);

b) o valor do testemunho pessoal: “Passarei a descrever, o melhor que puder,

o que se passou sob meus olhos e a declarar os fatos que ouvi de homens de veracidade incontestável, reservando-me o direito de julgamento privado para tornar público e suprimir os detalhes do que se passou neste memorável dia..." (op.cit., idem);

c) a preparação do leitor: "E, então, ocorreu a melancólica catástrofe, que nos enche a todos de pesar" (ibidem)

d) a presunção do compartilhamento pelo leitor do mesmo "capital cultural" do jornalista: "Nem Dom Quixote, em seu ataque aos moinhos, chegou perto de mostrar-se tão precipitado e indiferente quanto os galantes homens, que se prepararam sem um pensamento para lançar-se à morte certa" (ibidem,p.30);

e) a adjetivação grandiloquente: "Espetáculo mais terrível jamais foi testemunhado senão por aqueles que, sem o poder de ajudar, contemplavam seus heroicos compatriotas lançarem-se para os braços da morte" (p.31); e f)

a finalização sintética e trágica: "Às 11h35, não restava nenhum soldado britânico, com exceção dos mortos e agonizantes, diante daqueles sangrentos canhões moscovitas (p.33).

A despeito das qualidades do fragmento acima, é bom ser observado que Russell estava acompanhando o exército do ocupante, a Grã-Bretanha, diferente de Reed no México, que estava com uma parcela dos revoltosos, aquela liderada por Pancho Villa. O fato é que a marcante cobertura de Russell, que acabou por interferir nas decisões do governo britânico na condução daquele conflito, é importante também por assinalar uma virada na conduta da imprensa londrina: antes daquela guerra, era praxe os editores se apropriarem de notícias de guerras de jornais estrangeiros, sem creditá-las ou contratar jovens oficiais para que eles enviassem cartas do campo de batalha, um arranjo considerado desde então insatisfatório (KNIGHTLEY,2004, p.2). No entanto, não será o estilo de Russell (descrever e narrar detalhadamente como uma batalha foi ganha ou perdida pelas tropas britânicas) que irá ser observado na correspondência de guerra de Reed no México, nem o modo de operar de Edwin Godkin, que, aos 22 anos, cobriu esse mesmo evento para o *London Daily News*. Segundo Knightley (op.cit.), Godkin, que odiava qualquer guerra, estava mais interessado nos efeitos dela nos indivíduos, incluindo ele mesmo.

Mais próxima de Reed, do ponto de vista geopolítico, deveria estar a cobertura da Guerra hispano-americana, iniciada em 1895, a qual tem um bom exemplo de qualidades o texto de Stephen Crane (LEWIS,2008, p.43-50), "Sinalização dos fuzileiros sob fogo em Guantánamo, publicados na revista *McClure's*, em fevereiro de 1899, uma reelaboração de seus telegramas para o diário *World*, de Nova Iorque. Ao se referir ao grau de espetacularidade e envolvimento, absorção, que haveria em se observar, devidamente protegido, é claro, um combate com uma certa proximidade, afirma Crane que "ninguém quer tirar os olhos dele até o momento em que se decide fugir. Levantar-se e dar as costas deliberadamente a um combate é em si um trabalho difícil" (op. cit., p.50), mas, por outro lado, "levantar-se e dar deliberadamente as costas a uma batalha e ouvir imediatos sinais do ilimitado entusiasmo com que uma grande companhia do inimigo atira na gente de um capão vizinho é, pelo menos para mim, um grandioso feito" (idem).

Se Reed quisesse se atualizar estilisticamente, tomando por base a literatura de ficção, também estavam disponíveis para ele alguns romances e poemas, já considerados clássicos: *Specimen Days* (1882), de Walt Whitman; *The light that failed* (1891), de Rudyard Kipling; *The red badge of courage* (An episode of the American Civil War (1895) e *Active service*, ambos de Stephen Crane. No caso desse último autor, ele havia sido

contratado para cobrir uma guerra porque havia ficcionalizado admiravelmente uma batalha da guerra civil, embate ao qual jamais estivera presente.

É claro que, nesse ponto, a nossa aposta torna-se mais arriscada, uma vez que é sabido o fato de muitos historiadores terem uma percepção do texto literário – da produção artística, em geral – como “um discurso enfeitado, como pura retórica, incompatível, portanto, com o discurso científico, que foge da retórica em nome da clareza, da precisão e da objetividade” (CHIAPPINI, 1998, p.25). Segundo essa autora, o que assim agem desconhecem “o que há de pesquisa, de trabalho, de esforço de objetivação e de precisão na linguagem dos poetas e dos autores de ficção”, ressaltando porém que, por outro lado, são encontrados com frequência críticos literários que concebem a História como “uma disciplina, que, na escola, lhes ensinava a memorizar nomes, datas, batalhas e heróis. Assim fazendo, estes também desconhecem todo o debate atual sobre o discurso da História, a narratividade e a atenção dos historiadores ao simbólico, bem como a crítica à historiografia positivista” (Idem, *ibidem*).

Longe de querermos resumir a Revolução Mexicana até o momento em que ela passa a fazer parte da vida de Reed, cremos que basta-nos situar que, em 18 de fevereiro de 1913, o general porfirista Vitoriano Huerta (1856-1916) dera um golpe contra o presidente Madero, que assumira o cargo no final de 1911 e que iniciara a insurreição contra os 35 anos de mandato de Porfirio Díaz – o porfiriato – com o seu Plano de San Luís de Potosí, divulgado em 5 de outubro de 1910 na cidade homônima. Madero, o presidente deposto, e seu vice são fuzilados. O golpista havia planejado o assalto ao poder na Embaixada dos Estados Unidos na Cidade do México. Tornou-se voz comum se dizer que Madero havia sido derrubado porque se bastara apenas com a ideia de uma simples mudança política, e não uma reforma social, cobrada pela maioria da população carente de seu país.

Tem início a fase guerra civil da Revolução Mexicana. Huerta havia se destacado por reprimir os zapatistas e os *pueblos* indígenas. Apenas dois governadores haviam se oposto ao *pronunciamiento*, que contava, por outro lado, com a simpatia das forças conservadoras, principalmente a Igreja Católica e o Exército porfirista, além dos Estados Unidos. Em março seguinte, Venustiano Carranza (1859-1920), governador do Estado de Coahuila, conclama a população a resistir ao golpe huertista através do seu Plano de Guadalupe. É esse, muito sinteticamente, o pano de fundo que John Reed encontra no México quando decide ir para a cidade de Torreón naquele ano-chave de 1913 cobrir as atividades dos rebeldes sob o comando de Pancho Villa, que havia saído da cidade norte-americana de El Paso (Texas) em abril para “conquistar o México” – na verdade, o seu campo de ação era apenas o norte do país – com quatro companheiros, três cavalos, duas libras de açúcar, café e uma libra de sal.

Seguindo uma tradição: as narrativas de guerras

Os textos de Reed em *México Insurrecto*, atento o autor ao principal veículo a que era destinado, revista *Cosmopolitan*, comportam elementos já consolidados em narrativas de guerra, sejam elas em periódicos ou em livros. Os principais traços dessa continuidade de uma tradição são, resumidamente, os seguintes: breve síntese da estratégia militar do exército que ele está acompanhando, descrições em busca da “cor local”, uma herança

literária e o perfil de Villa.

Sobre o primeiro dos itens arrolados acima, há a revelação de que Pancho Villa “também teve que inventar no campo de batalha um método completamente original para lutar, uma vez que nunca tivera oportunidade de aprender qualquer coisa sobre a estratégia militar formalmente aceite”. Para melhor situar o leitor com o que pretende dizer, Reed usa como termos de comparação uma figura (popular em termos de mídia): “O seu modo de lutar é espantosamente semelhante ao de Napoleão - sigilo, rapidez de movimentos, adaptação dos seus planos às características do terreno e dos soldados, estabelecimento de relações estreitas com os soldados rasos, criação, entre o inimigo, de uma suspeitosa crença na invencibilidade do seu exército e na própria vida de Villa” (p.149). Como uma consequência que se tem como natural, da competência surge o carisma: “Tudo isso [acima] revela uma espécie de talismã, que o torna imortal, e realmente são estas as características mais salientes” (idem).

Não é propriamente espantoso ver Reed citando Napoleão a propósito de estratégia militar. Pois trata-se certamente de uma das figuras de “massa” do século XVIII, e também porque não era muito difícil se encontrar aqui e ali recolhas de suas “máximas” (BONAPARTE, 2011) sobre diversos temas, principalmente sobre guerra: “Na guerra, a audácia é o mais belo cálculo de gênio”; “a guerra é uma espécie de tato”; “durante a guerra, é preciso apoiar-se no obstáculo para ultrapassá-lo”; “na guerra, vemos nossos males e não vemos os do inimigo; é preciso demonstrar confiança”; “em Waterloo, tudo deu errado depois de tudo ter dado certo”; “na guerra, são necessárias ideias simples e definidas”; e “na guerra, um grande desastre sempre indica um grande culpado”.

Além dos aspectos propriamente estratégicos relativos à conquista e à conservação do poder – uma vez que, como diz a máxima, “a guerra é a política por outros meios” –, as recolhas de “máximas” de Bonaparte que evidentemente eram do conhecimento de Reed trazem ainda conselhos que provavelmente devem ter sido levados em conta pelo jornalista norte-americano durante sua estada com as tropas de Villa, por exemplo. São tópicos bonapartianos que, em nosso entendimento, dizem respeito à subjetividade do repórter de combate e dos revolucionários armados das tropas que ele acompanhou por quatro meses, como coragem – “a coragem é como o amor: ela se alimenta de esperança”; “a coragem não pode ser simulada: é uma virtude que escapa à hipocrisia”; “a bravura é uma qualidade inata, não pode ser tomada, pois ela provém do sangue. A coragem vem do pensamento: a bravura muitas vezes não passa de impaciência pelo perigo; “só somos bravos para os outros”; “a primeira qualidade do soldado é a constância em suportar a fadiga”; e “a valentia é apenas a segunda”.

O texto de *México Insurrecto* busca também descrições em busca da “cor local”, de que é exemplo esse trecho:

Andei a pé mais de meio quilômetro por uma rua incrivelmente destruída, que conduz à cidade [...]. Sob os poeirentos e desfolhados álamos, cada janela tinha a sua dona, acompanhada por um cavaleiro deitado no seu regaço. Não havia luz. A noite estava fria e seca, marcada por uma sutil e exótica animação; as guitarras vibravam, ouviam-se fragmentos de canções, risos e murmúrios de vozes apagadas, gritos secos, cujos ecos vinham das ruas distantes, enchendo a escuridão” (p.165).

Se as “máximas” de Napoleão eventualmente podem ter sido de grande valia na parte militar da cobertura de Reed, tendemos a supor que, do ponto de vista da literariedade de seu texto, como está no livro, reafirmamos, uma das grandes contribuições para tal pode ter sido aquele que é talvez o mais popular dos romances de ficção sobre a Guerra Civil Americana: *O emblema vermelho da coragem*, de Stephen Crane (2010), lançado em 1895, dezoito anos antes do autor de *Os dez dias que abalaram o mundo* ter se deslocado para o *front* no México. Fazemos essa aproximação principalmente por duas qualidades que mais despertaram a atenção da crítica naquele texto: as descrições da cor local e as descrições das batalhas, as quais, como se sabe, Crane jamais assistiu simplesmente pelo fato de ele ter nascido em 1871, dezesseis anos após o armistício, que se sucedeu à derrota do Exército Confederado, os “sulistas”.

Destacaremos a seguir algumas dessas descrições de Crane (2010) que nos parecem em estilo mais próximos àquelas feitas por Reed:

As árvores começaram a cantar suavemente um hino crepuscular. O sol foi caindo até que os oblíquos raios de bronze cortaram a floresta. Havia um acalanto nos ruídos dos insetos, como se estivessem reverentes, numa pausa para oração. Tudo era silêncio, a não ser pelo coro vindo das árvores (p.99). O fogo estalava melodiosamente. Subia uma leve fumaça. No alto, as copas das árvores movimentavam-se de mansinho. As folhas, com suas faces voltadas para as chamas, tingiam-se de tons cambiantes de prata, muitas vezes orlados de vermelho. À direita, bem longe, através de uma janela na floresta, podia-se ver um punhado de estrelas, como seixos faiscantes na prateleira negra da noite (p.137). A luz do sol tirava reflexos intermitentes do aço luzidio. Na retaguarda, ao longe, via-se um braço de estrada no trecho em que escalava uma colina. Estava cheio de soldados em retirada. De toda a floresta entrelaçada subia, com a fumaça, o fragor da batalha. O ar estava permanentemente tomado por vibrações altissonantes (p.164).

Além das descrições, que acentuam a literariedade do texto jornalístico, como essas acima de Stephen Crane, John Reed está atendo às cobranças normais do jornalismo: a construção de perfis, sejam os protagonistas, artistas, militares, políticos ou o “homem comum” subitamente alçado à fama. Nesse aspecto, o perfil do principal líder do Exército do Norte se desdobra em revelar aspectos da comunicação direta dele, a sua origem social, a sua força de vontade e uma habilidade especial dele. Um bom exemplo do primeiro dos itens citados é esse: “O fato de se saber que Villa detesta as cerimônias pomposas e inúteis torna mais impressionante a sua presença nos atos públicos. Tem a virtude de exprimir fielmente o sentir da grande massa popular” (p.141); “a pouco mais de um quilômetro e meio, a fuga foi contida. Encontrei soldados, que regressavam, com a expressão satisfeita de homens que temeram um perigo desconhecido e que, de súbito, se veem livres dele. Era essa sempre a grande qualidade de Villa, que podia explicar as coisas às grandes massas populares de tal modo que imediatamente o entendiam” (p.249).

Quanto à origem social de Villa, Reed informa que o “Centurião do Norte”, como gostava de ser chamado, era filho de “camponeses muito ignorantes. Nunca frequentou a escola nem tinha a mais leve noção do que era ser civilizado. Por último, quando voltou a viver em sociedade, era já um homem maduro, com uma extraordinária sagacidade natural, que se encontrava em pleno século XX com a ingênua simplicidade de um selvagem” (p.123); “Villa era realmente conhecido como o ‘amigo dos pobres’ e foi, na verdade, uma

espécie de Robin Hood dos bosques mexicanos (p.125).

A respeito da força de vontade de Villa diz Reed: "Durante muito tempo, Villa desejava ansiosamente ter uma educação apropriada. [...]. Começou a estudar com toda a vontade para conseguir aprender a ler e a escrever, mas não tinha nenhuma base para fazer isso. Falava a linguagem vulgar, da gente mais pobre, e do chamado *pelado*. Não sabia nada acerca dos rudimentos ou da filosofia do idioma. Teve, pois, que começar por aprender primeiro aqueles, desejando sempre saber o porquê de todas as coisas. Ao fim de poucos meses, podia escrever regularmente e ler os jornais" (p.126). É claro que lidando com uma pessoa, tida por muitos como um simples bandido, Reed parece feliz em encontrar uma qualidade que possa ser apreciada por todos indistintamente: "Villa nunca bebe nem fuma, mas, ao dançar, revela-se o mais belo e apaixonado galã de todo o México" (p.140).

É de se lamentar que a reunião de reportagens de Reed contenha, mesmo que, apenas duas breves citações, manifestações de um preconceito: "[...] finalmente, disse-lhe que desejava comprar um pouco de tabaco, e só assim ele aceitou algum dinheiro. Eu sabia que ele seria bem utilizado, já que não se pode confiar que um mexicano faça alguma vez aquilo que se lhe recomende: é deliciosamente irresponsável"; "[...] no México, onde a vida humana vale realmente muito pouco..." (p.123). No entanto, essas passagens nos parecem estranhas, uma vez que, muitos capítulos atrás, ele já havia mostrado uma melhor percepção dos "nativos" em seu "trabalho de campo": "Considero que é a única definição correta de liberdade: fazer o que me apetece! Os norte-americanos apontaram-me isso, com ar triunfante, como sendo um exemplo da irresponsabilidade mexicana, mas creio que é uma definição melhor do que a nossa: a liberdade é o direito de fazer o que manda a justiça" (p.45).

Ainda com relação a elementos de uma tradição jornalística a que Reed ainda obedece, vale ressaltar por último, mas não em último lugar, é que ele tenha sido obrigado ao tradicional perfil da "fonte oficial" - não-bandida - do movimento insurrecional: Venustiano Carranza. Se tivéssemos a data da publicação desse artigo e se ele tivesse sido publicado após a parte generosa sobre Villa, composta de oito capítulos, talvez tivéssemos uma oportunidade de especular se o perfil da "autoridade" teria sido uma cobrança editorial para "compensar" o largo e merecido espaço concedido por Reed a Pancho Villa.

Os agentes na História

Tanto os perfis de Villa e de Carranza, se são conformes as expectativas jornalísticas - atendendo a um procedimento "dramático" da arte e da mídia para a criação de torcidas, no caso, de duas pessoas "do contra" -, por outro lado, esses textos acabam por contrariar a postura de Reed, na cobertura da greve em Paterson, quando ele não heroicizara nenhum dos envolvidos. Naquela ocasião, provavelmente, ele não tinha dúvidas ao responder a uma questão, que, muitas décadas depois, no âmbito da Nova História, já se tornara comum ser feita a propósito de "problemas de explicação": "Quer gostem, quer não, os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que, por muito tempo, interessaram aos sociólogos e aos outros cientistas sociais. Quem são os verdadeiros agentes na história: os indivíduos ou os grupos?" (BURKE, 1992, p.31).

O perfil de Carranza talvez tenha sido aquele em que Reed tenha mais se dobrado às imposições patronais, lá nos Estados Unidos, uma vez que o mesmo não era uma figura propriamente revolucionária, tal como se tem midiaticamente nas representações

jornalísticas, ficcionais e cinematográficas, em torno de Villa e de Emiliano Zapata. A abertura do capítulo único - "Carranza – uma impressão", que enfeixa a quinta parte ("Uma imagem de Carranza") até que lhe é simpática:

Era Venustiano Carranza um homem de vida limpa e profundos ideais: um aristocrata, descendente da raça (*sic*) espanhola dominante, proprietário rural, cujos parentes sempre foram grandes latifundiários; era um desses mexicanos generosos, que, como no caso de alguns nobres, como Lafayette, na Revolução Francesa, se entregaram de corpo e alma à luta pela liberdade. Quando estalou a revolução de Madero, Carranza dirigiu-se para o campo de batalha numa verdadeira atitude medieval. Armou os camponeses, que trabalhavam nas suas fazendas, e colocou-se à frente deles, a fim de ir para a guerra como qualquer senhor feudal. Consumada a Revolução, Madero nomeou-o governador de Coahuila (REED, *op.cit.*, 281).

No entanto, logo mais adiante, o autor em pauta narra as tentativas de um assessor do "principal chefe da revolução e chefe" do Governo Provisório Constitucional em evitar que, na pretendida entrevista com ele, fossem tratados três temas, considerados "proibidos": a repartição da terra, as eleições por voto direto e o direito dos camponeses ao sufrágio.

Após ser apresentado a Carranza, Reed (*op. cit.*, p.290) sutilmente o deprecia: "Deparamo-nos depois com a gigantesca figura de dom Venustiano Carranza, vestido com um fato [terno] de caqui e sentado num enorme caldeirão. Havia qualquer coisa de estranho na sua atitude: quase dava a impressão de o terem colocado ali e lhe terem disto que não se mexesse". Na verdade, Carranza estava tensionado pelos interesses dos empresários norte-americanos, pelo governo britânico por causa da morte de um súdito seu e pelas reivindicações radicais, estas oriundas dos pontos extremos do país, os "dois polos da revolução: a revolta camponesa, de um lado, que pretendia principalmente expropriar a terra e, de outro, as classes médias e aristocratas burguesas, que pretendiam reestabelecer o modelo liberal capitalista, que estava sendo abalado pelos exércitos populares de Villa e Zapata" (BUSTOS, 2008, p.109). Retomando *México Insurrecto*: "Carranza parecia não pensar em nada e nem ter estado sequer a trabalhar. Dava mais a impressão de ser um corpo imenso e inerte, semelhante a uma estátua" (REED, *op.cit.*, *idem*).

Onde Reed inovou ou o que a História e as Ciências Sociais podem fazer por um repórter

Se a observância dos padrões de narração de eventos insurrecionais por parte de Reed busca adequar os seus textos ao veículo que o contratou, prioritariamente, há, por outro lado, a revelação da contribuição estilística de quem era afeito à criação literária propriamente dita. Acrescente-se a isso o fato de que, quando ele vai para o México, ele já era um militante político, se bem que, para a Polícia de Nova Jersey, ele não passava de um "agitador". Sinteticamente, alguns dos elementos, que, em nosso entendimento, assinalam um diferencial de Reed nessa cobertura – e que irão credenciá-lo depois a cobrir a Guerra dos Bálcãs e a Revolução Soviética – serão arrolados nos parágrafos seguintes.

Há uma nítida preocupação no seu texto em revelar aos leitores um partido tomado, o que se pode flagrar em várias oportunidades, inclusive disfarçado em uma observação da natureza: "Rumo a leste, sob um céu em que já brilhavam as estrelas, estavam as rugosas montanhas, atrás das quais se encontrava La Cadena, o posto mais avançado do exército

maderista. Era uma terra para se amar – este México –, uma terra para se lutar por ela” (REED, *op.cit.*, p.62). Se essa frase pode não ser muito exemplar com relação a uma identificação do correspondente estrangeiro com a causa dos villistas, então o que se dizer dessas seguintes?: Havia cento e cinquenta dos nossos apostados em La Cadena, o lugar mais avançado de todo o exército maderista a oeste: a nossa missão era guardar e defender a passagem: a Puerta de la Cadena” (p.65). [...] “Mas no nosso quartel, havia outro divertimento” (p.82). “Nossa missão” e “nosso quartel” são expressões que apontam para uma identificação entre Reed e as tropas villistas, mas também são indícios de que ele já estava vivenciando, dados os devidos descontos, um método de pesquisa, que somente seria conceitualizado, formalizado, em 1924 por Bronislav Malinowski: a observação participante.

Considerado o método mais identificado com a Antropologia, a observação participante prevê por parte do pesquisador – no caso, um jornalista – uma “vivência concreta” da cultura de uma comunidade – consideremos como tal a tropa de Villa com que Reed permaneceu a maior parte de sua estadia no México, quando estava, em suma, morando com eles. A expressão “nossa missão” é um forte indício de que esse jornalista, além de ter compreendido a luta dos insurrecionistas desde a renúncia de Porfírio Díaz (em 21 de maio de 1911 como consequência dos tratados assinados em Cidade Juárez), presta-lhes solidariedade em seus artigos para a *The Masses* e *Cosmopolitan*, ganhando em troca notícias em primeira mão, mas tendo que devolver a eles – o que nunca lhe parecera nada demais, pelo visto em sua prisão com os grevistas... - confiança, compromisso e reciprocidade (GOMES, 2009, p.56-59).

A reciprocidade, que pode ser entendida como cumplicidade, talvez se transforme em um dos maiores obstáculos à aposta que estamos desenvolvendo nesse texto, uma vez que a história é “o conhecimento do passado obtido por meio da investigação desinteressada e imparcial (o interesse e a parcialidade são a antítese do profissionalismo) e universalmente disponível para quem quer tenha dominado os procedimentos científicos requeridos” (BURKE, 1992, p.71). Nessa conceituação, há ainda mais expressões que vão de encontro a uma associação repórter-historiador. Alguém poderia contestar que repórteres de combate não produzem “conhecimento”, mas “informação”, quando não apenas “notícias”. Historiadores trabalham com o “passado” enquanto repórteres de combate trabalham com o “presente” e, quando muito, jornalistas poderiam estar fazendo, de muito boa vontade, algo próximo de uma “história imediata”.

A propósito da citada incompetência do jornalismo, enquanto narrativa “literária”, não produzir “conhecimento”, há argumentos que se contrapõem a essa postura, a partir da constatação de que, há muito tempo, a arte e a literatura tem sido aceitas como “formas de conhecimento, como testemunhas sobre fatos e processos históricos, como intérpretes e produtoras de opinião, contraditórias e comprometidas com grupos dominantes, com majorias e minorias sociais, étnicas e culturais” (CHIAPPINI, 1998, p.23). A defesa desse ponto de vista é arrolada pela autora com breves exemplos através dos tempos e dos continentes: “Diversos estudos já demonstraram que as obras de alta elaboração estética confrontam e contrastam dialogicamente os valores e, como tal, permitem ao leitor problematizá-los” (Idem, *ibidem*). Nesse sentido, ela cita as leituras de Karl Marx sobre os

poetas pré-socráticos; de Mikhail Bakhtin sobre Dostoiévski; os analistas de Balzac, de Basílio da Gama, de José de Alencar ou de Manoel Antônio de Almeida. Para Chiappini, vários críticos literários e historiadores culturais localizaram nesse “trabalho dialógico – que transcende o projeto explícito de seus autores e seu próprio sistema de valores e de seu meio social – a capacidade de durar” (Idem, *ibidem*). Pelo modo como Chiappini expõe os seus argumentos, cremos que, neles, reverbera essa ideia defendida por Georges Duby (1980, p.50), de que “a história é, acima de tudo, uma arte essencialmente literária. A história só existe pelo discurso. Para que seja boa, é preciso que o discurso seja bom”.

Ao passo que revela o partido tomado, Reed dá voz à opinião de sua principal fonte e protagonista a respeito dos jornalistas estrangeiros presentes no Norte do México no período citado, pois o “general” não levava a sério o trabalho dos correspondentes estrangeiros: “A razão dessa desconfiança estava no fato de que ele “achava muito curioso que um jornal norte-americano estivesse disposto a gastar tanto dinheiro apenas para receber algumas notícias” (REED, *op.cit.*, p.235). O que Reed omite, em seu livro, é que Villa, a despeito da curiosidade manifestada, era plenamente ciente da importância dos meios de comunicação, principalmente do país vizinho, e não somente ele. As outras lideranças envolvidas na rebelião também estavam sendo devidamente mediatizadas: os deslocamentos de Madero, enquanto candidato e já como presidente do México, eram acompanhados, tanto na capital como no interior, pelos cinegrafistas da empresa Irmãos Alva; Jesús Abitia filmara as campanhas de Álvaro Obregón (próspero agricultor de Sonora que se tornou um dos líderes de Carranza), bem como os movimentos de Venustiano Carranza (presidente do México a partir de 1914 após liderar resistência contra o golpista Huerta, que, em 1913, eliminara Madero, originando a guerra civil, que Reed vai cobrir). Já o próprio Villa – o Leão do Norte – havia assinado contrato de exclusividade com uma produtora norte-americana, evitando, inclusive, combater à noite para não prejudicar as filmagens.

À parte a opinião manifesta de Villa sobre os repórteres de combates, o próprio Reed trata de proceder a outra desqualificação, a do correspondente de guerra como um aventureiro. Quando Reed chegara à fronteira norte-americana com o México, tivera notícia de que Villa havia acabado de conquistar Chihuahua e estava em preparativos para ir a Torreón. Logo em seguida, ele estava na linha de frente e não teve vergonha em desmitificar uma certa imagem do repórter de combate, principalmente aquela veiculada pela ficção de Rudyard Kipling e Stephen Crane: “O medo mais mortal se apoderou de mim. Tinha medo da morte, da mutilação, de uma guerra estranha e de um povo estranho, do qual eu não entendia nem a língua, nem o pensamento” (Reed, *op.cit.*, p.39). Aqui, Reed revelava a sua não-conformação às qualidades que se esperava à época, bem como hoje, também, do repórter de combate: “destemor físico, tolerância ao risco de ferimento grave, arrojo e gosto por descarga de altas doses de adrenalina” (SILVA, 2011, p.13).

Um outro aspecto surpreendente na produção jornalístico-literária presente em *México Insurrecto* é a ausência de relatos mais detalhados relativos às baixas fatais nas tropas de Villa. Por motivos sobre os quais não nos determos aqui, a morte é um valor-notícia eterno, e, independente de nossos gostos, as descrições de como elas se dão, especialmente em combates, têm-se tornado fatores de sucesso tanto no jornalismo –

especialmente com a ajuda recursos visuais ou audiovisuais – como na ficção literária quando na ficção audiovisual. E não faltam descrições sobre a morte em *O emblema vermelho da coragem*, uma das prováveis referências literárias de Reed para a elaboração do livro em discussão:

O batalhão encontrou o cadáver de um soldado deitado de costas, fitando o céu. Vestia uma estranha fatiota marrom-amarelada. O jovem viu que as solas de seus sapatos estavam gastas, da espessura de um papel de carta, e de um imenso rasgão delas projetava-se tristemente um dos pés do morto. Era como se o destino houvesse traído o soldado. Na morte, ele expunha aos inimigos a pobreza que, em vida, escondera, quem sabe, até dos amigos (p.66-67). Correu como um cego. Caiu duas ou três vezes. A certa altura, bateu o ombro tão violentamente contra uma árvore, que foi lançado de cabeça no chão. Depois de dar as costas ao combate, seus temores se ampliaram de modo atroz. A morte, que enfia uma faca nas costas, é muito mais aterrorizante do que a morte que pica entre os olhos. Pensando no assunto mais tarde, ele concluiria que é melhor enxergar o que nos aterroriza do que apenas ouvi-lo à distância (p.90). Nesse último trecho da viagem, os soldados começaram a revelar estranhas emoções. Iam apressados, nervosos, com medo. Homens que tinham sido duros e impassíveis nos momentos mais tenebrosos já não conseguiam ocultar uma ansiedade fremente. Talvez tivessem horror à ideia de morrer de forma insignificante, agora que passara o momento das mortes militares adequadas (p.183).

Sem esse estágio no Norte do México, a maior parte, fazendo parte da turma de Villa, teria sido possível a Reed ir cobrir “os dez dias que abalaram o mundo”? Se houve espaço para a desqualificação do repórter de combate como um aventureiro, houve também papel e tinta para que Reed traçasse mais uma desmistificação, aquela de determinados aspectos da guerra, como um interminável “teatro de batalhas”, contrariando um pouco a cobertura fotográfica e de desenhos que se fazia de muitas guerras, principalmente durante a Guerra civil americana:

- Como são corajosos os mexicanos – disse, alegremente.
- Matamos-nos uns aos outros, assim...

Regressei rapidamente ao acampamento, cansado e cheio de tédio. Uma batalha é a coisa mais fastidiosa desse mundo se se prolonga por muito tempo. É tudo sempre igual!... De manhã, fui ao quartel-general, tínhamos [sic] capturado Lerdo, mas o cerro, o curral e o quartel estavam ainda em poder do inimigo. No fim de contas, toda aquela carnificina fora inútil!” (REED, *op.cit.*, p.272).

Além das desmistificações mencionadas acima, o autor de *México insurrecto*, provavelmente no texto destinado à revista *The Masses*, chega a questionar a sua função naqueles eventos bélicos em que, aparentemente, o seu país de nascimento, nada tinha a ver. Na verdade, ele tinha muito a ver com tudo aquilo: “Os homens apinhados em redor mostravam-se divertidos e interessados. Será que eu ia mesmo lutar ao lado deles [dos vilistas]? De onde é que eu vinha? Que fazia ali? A maioria deles nunca tinha ouvido falar de jornalistas (REED, *op.cit.*, p.41). Esse autoquestionamento se associa frequentemente a uma revelação de um senso comum sobre a presença de correspondentes estrangeiros em coberturas de guerra civis, traço escondido em geral nas reportagens e nas memórias de jornalistas: “Ouça, senhor!, já descobri quem é você: é um intermediário dos negociantes norte-americanos, que têm grandes interesses no México. Eu sei tudo acerca dos negócios dos ianques. Você é um agente desses consórcios. Você veio até aqui para espiar os movimentos das nossas tropas, para lhes enviar depois informações secretas. É ou não isto

verdade?" (p.76-77). E continua o villista: "Todos os norte-americanos são porfiristas e huertistas. Tome bem nota desta advertência antes que seja demasiado tarde. Eu tenho muitas coisas na cabeça, sou um homem correto. Tire este gringo lá pra fora, fuzile-o imediatamente ou terá depois que se lamentar por não ter procedido desta forma... (p.76-77)

Enfim, a desconfiança do revolucionário tem cabimento, pois a função do correspondente estrangeiro, especialmente em coberturas de guerra, parece ser muito apropriada para um espião, uma vez que ela requer que ele entre em contatos com pessoas de várias ocupações, que se desloque às vezes para os locais improváveis para entrar em contato com uma fonte e que também fotografe, pois nem sempre um repórter de texto conta com um profissional de imagem, cujo aparato quase sempre tende a assustar especialmente em regiões de pouco acesso a novidades tecnológicas que são postas a funcionar por uma equipe.

Além do questionamento citado acima, há, em *México insurrecto*, descrições do cotidiano dos jornalistas, entre as batalhas, que vão de encontro a um certo *glamour*, veiculado pela ficção da época e pelas narrativas cinematográficas que se seguirão sobre o tema a partir dos anos 1930 nos Estados Unidos. Reed narra uma conversa que teve com um fotógrafo, que descansava enquanto um grupo de soldados, ao lado dele, se alimentava de tortilhas de farinha, carne e café quando um deles mostrou ao americano, "bastante orgulhoso", um relógio com pulseira de prata. E daí? O relógio havia sido apresentado ao miliciano pelo fotógrafo em troca de comida. Ele estava há dois dias sem comer..." (REED, *op.cit.*, p.262).

Em nosso entendimento, o que nos parece a maior contribuição de Reed no tópico inovação para a cobertura internacional é a sua atenção para as questões relativas a sexo e gênero na cultura rural do Norte do México, mesmo se considerando o pouco tempo, quatro meses, que esteve por lá em seu "trabalho de campo". Nesse aspecto, o seu texto, em 1924, já antecipa, pelo menos em alguns pontos, aquilo que Peter Burke (2002, p.76-77) cobraria, em 1992, dos historiadores:

O movimento feminista e as teorias a ele relacionadas encorajaram os historiadores e as historiadoras a fazerem novas perguntas a respeito do passado. Sobre a supremacia masculina, por exemplo, em diferentes tempos e lugares: era realidade ou mito? Em que medida e como essa supremacia poderia ser rechaçada? Em que regiões e períodos e em que domínios – no seio da família, por exemplo, as mulheres exerceram influência não-oficial? Outra série de perguntas diz respeito ao trabalho das mulheres. Quais espécies de trabalho eram realizadas pelas mulheres em lugares e épocas específicos? e "quais as regras e convenções para ser mulher ou homem de uma faixa etária ou grupo social específicos em uma determinada região e período específico?

Ao longo do livro *México insurrecto*, há uma nítida preocupação em se registrar aspectos da cultura indígena mexicana sobre a mulher, fazendo aquilo que, no jornalismo de revistas atual, se denomina de perfil mas que, na pesquisa acadêmica, mal comparando, é uma primeira entrada para um estudo de caso. Esse perfil assim se desdobra muito esquematicamente:

a) divisão sexual do trabalho: "Uma mulher acocorada amamentava o filho

numa das casas, e uma outra mulher esforçava-se na interminável tarefa de moer o milho na sua maseira de pedra. Os homens, acorados em redor de pequenas fogueiras, fumavam cigarros de folha de milho, envoltos em suas descoloridas mantas, enquanto viam as mulheres trabalharem” (REED, *op.cit.*, p.22);

b) os protagonistas e as coadjuvantes: “Atravessando o deserto, rumo a oeste, para as montanhas longínquas, caminhavam alguns esquadrões de cavalaria [...] Passaram uns mil homens, em dez linhas diferentes. Atrás de cada companhia, seguiam dez ou doze mulheres, levando consigo os utensílios de cozinha à cabeça ou às costas; uma ou outra mula avançava carregada com sacos de milho” (p.194); e

c) regras de condutas para as solteiras: “Carmencita era uma índia baixa e gorducha [...]. Ela simulava não prestar nenhuma atenção à chegada de Fidêncio, estava quieta e calada, com os olhos postos no chão, como bem compete a uma mulher mexicana quando é solteira” (p.312).

Enfim, como se isso acima fosse pouco, o que não era em 1913/1914, Reed (1992, p.107-116) constrói todo um capítulo - “Isabel” - sobre uma mulher, que, por força das circunstâncias, se oferece para dormir com ele, o que ele não aceita. E ele se esmera em descrevê-la, o que não acontecera nos perfis dos barbudos revolucionários mexicanos. A entrada em cena dessa mulher no capítulo que ela intitula despista a dedicação atenciosa que esse escritor vai lhe dedicar em seguida: “Era uma rapariga índia, de pele muito escura, talvez com uns vinte e seis anos, o habitual corpo rechonchudo da sua raça explorada; tinha umas feições agradáveis, os cabelos caíam-lhe para a frente, sobre os ombros, em duas longas tranças, e uns grandes dentes que brilhavam quando sorria” (p.111).

A menção à etnia de Isabel e a sua relação com uma “raça explorada”, por incrível que pareça, é uma atitude do jornalista que responde, em 1914, a uma cobrança que Joan Scott (1992, p.93) faria nos inícios dos anos 1990: “Há uma experiência das mulheres que transcenda os limites de classe e raça? Como as diferenças de raça ou etnia afetam a 'experiência das mulheres' e as definições das necessidades e interesses femininos em torno dos quais podemos nos organizar ou sobre os quais podemos escrever. Como podemos determinar o que aquela 'experiência' é ou foi no passado?” Por fim, revelado o encanto, o jornalista norte-americano se lamenta sobre o mistério que ela também representa para ele: “Nunca pude saber se era simplesmente uma mulher que trabalhava como camponesa perto de La Cadena, quando se deu o ataque, ou se se tratava de uma daquelas moças que andam sempre nos acampamentos do exército (Reed, *op.cit.*, p.111). Esse capítulo traz ainda pequenas cenas da relação entre Isabel e o homem, a quem não ama, a quem é obrigado a seguir... para não morrer de fome.

Em síntese, o capítulo “Isabel” é uma inovação nos procedimentos habituais da reportagem de guerra, preocupada com comandantes, comandados, estratégias e vítimas, além de ser também inovador àquela época, quando a Antropologia ainda engatinhava, na cultura eurocêntrica dominante em se retratar o Outro étnico. A postura de Reed torna-se singular quando comparada, por exemplo, com as representações que se faziam à época sobre os mexicanos, para a qual nos chama a atenção, a despeito de tratar de outro *corpus*, a historiadora mexicana Margarita de Orellana (1993, p.10): “Os habitantes mexicanos dessas regiões [Norte e fronteira] são considerados parte da natureza; eles são frequentemente apresentados como uma massa anônima e coletiva, confrontada por um singular, individual, norte-americano”.

Considerações finais

Janeiro de 1914. A Revolução Mexicana continua, mas a cobertura de apenas quatro meses do seu desenvolvimento chega ao fim para Reed. E muita coisa importante aconteceria sem o testemunho desse jornalista norte-americano: em março, Emiliano Zapata, o “Centurião do Norte” toma a capital do Estado de Guerrero; no mês seguinte, tropas dos Estados Unidos ocupam Veracruz; em julho, renúncia do general Huerta; em agosto, Carranza entra na Cidade do México; em dezembro, para encurtar a história, Villa e Zapata tentam organizar uma frente comum de luta. Ter coberto apenas quatro meses de uma revolução, que começara em 1911 e terminara, para muitos, em 1920, com o assassinato de Zapata, descredencia o seu trabalho como um exemplo, que estamos propondo, de História instantânea? Mal comparando, é menor a contribuição dele para o primeiro conhecimento da Revolução Russa apenas por ter se detido nos “dez dias que abalaram o mundo”.

Se, por diversos fatores epistemológicos, o livro *México Insurrecto* não pode ser considerado um exemplo de História instantânea e se Reed não pode ter “escrito História”, em 1914, quando esse campo de conhecimento ainda não estava tão sistematizado como agora, na Academia, pelo menos, no pior dos casos, talvez possamos considerar que, nessa narrativa, considerando a época em que foi publicada e as condições em que as suas “fontes” foram obtidas, tivemos uma boa aproximação para um trabalho interdisciplinar por parte daquele poeta, contista, jornalista e militante comunista John Reed. E mais: Reed não se detém apenas em fazer o registro dos eventos e entrevistar fontes; ele se movimenta na intenção de preencher o item da causalidade: por que tal coisa aconteceu? Especialmente levando-se em consideração o histórico desinteresse do norte-americano médio pelo que acontece fora dos Estados Unidos. O procedimento de Reed na cobertura de apenas quatro meses da Revolução Mexicana traz indícios de uma postura que pode ser entendida como uma visão da história como uma “filosofia, que ensina através de exemplos” (COMMAGER, 1967, p.24) e que a História tem de ser narrativa, registro, literatura (estilo de redação) e filosofia (idem).

Uma outra crítica importante que poderia ser feita, em 1914, ao jornalismo-como-história de Reed poderia se apoiar no entendimento que se tinha àquela época do mandamento básico da objetividade científica que se esperava de um historiador: “A separação entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento, separação que garante a objetividade porque garante a neutralidade do cientista, que pode, assim, tratar relações sociais (relações entre seres humanos) como coisas diretamente observáveis e transparentes para o olhar” (CHAUÍ, 2008, p.34). Do ponto de vista dos mandamentos midiáticos naqueles tempos, pouca se cobrança se fazia de uma “neutralidade jornalística”. Estávamos ainda imersos, mesmo no Brasil, com o jornalismo de opinião em que cada veículo representava uma orientação política singular, como tivéramos ainda há pouco: jornal monarquista, jornal republicano, jornal abolicionista, jornal sindical etc.

Em dois artigos publicados sob o título único de “O público e a multidão”, na *Revue de Paris* em 1898, o filósofo, sociólogo e criminologista francês Gabriel Tarde (2005, p.69-70)

coloca pioneiramente e com clareza o peso da imprensa na formação da opinião pública, tema levantado no parágrafo acima: "Os jornais começaram por exprimir a opinião, inicialmente a opinião local de grupos privilegiados – uma corte, um parlamento, uma capital – dos quais reproduziam os mexericos, as discussões, os discursos e acabaram por dirigir e modelar a opinião pública quase a seu bel-prazer, impondo aos discursos e às conversações a maior parte de seus temas cotidianos". A isso, a Teoria do Jornalismo contemporânea chama de "agenda-setting".

A argumentação de Tarde torna-se mais próxima aos que se discute nesse ensaio quando notamos ele ressaltar a importância de jornalistas influentes para o trabalho mencionado acima: "Notemos, de resto, que os públicos fiéis e tradicionalmente ligados a um jornal tendem a desaparecer, substituídos cada vez mais por públicos mais móveis, sobre os quais a influência do jornalista de talento – é bem mais fácil, senão mais sólida". Isso reforça o que já havíamos apontado a respeito da fama que Reed havia granjeado com a cobertura da greve em Paterson e o seu contrato para a cobertura da guerra civil no México por uma revista importante, como a *Cosmopolitan*.

Quando Reed foi trabalhar no México ainda não se tinha, mesmo na imprensa americana, uma noção "jornalística" de objetividade, tal qual se tem hoje. A noção de objetividade na produção do relato jornalístico costuma ser tomada como uma atitude diante da necessidade de processar fatos sobre a realidade social. Em geral, na prática das redações, essa atitude engloba aspectos relacionados à forma, relações interorganizacionais pressupõe normalmente os seguintes procedimentos: a) apresentação de possibilidade conflitivas e conteúdo de um texto. A busca pela objetividade na produção do relato jornalístico: as versões conflitivas disponíveis a propósito de um determinado fato; b) a apresentação de provas de apoio; c) uso criterioso de citações; e d) estruturação da informação em uma sequência apropriada: esse item leva à padronização do texto, principalmente da abertura da reportagem (*lead*).

Como se vê, a objetividade jornalística é bem diversa daquela noção, resumindo grosseiramente, de que há objetividade em um procedimento científico quando quem observa descreve seus procedimentos com tamanha clareza que, outros, empregando os mesmos procedimentos para o mesmo problema, deverão chegar às mesmas conclusões. Visto assim, essa noção de objetividade está extremamente relacionada à observância de rotinas técnicas.

Mas bastaria a objetividade jornalística – se é que Reed a praticou integralmente na cobertura citada – ser diversa da objetividade-padrão nas Ciências Sociais Aplicadas, por exemplo, para que *México Insurrecto* não possa ser considerada um exemplo de História instantânea? Ou seria a presença da fonte como documento um outro argumento na contramão do que aqui se propõe? Esgotados os nossos argumentos na defesa da nossa aposta, sintetizada já no resumo, resta-nos o velho recurso do discurso de autoridade através da citação destacada do parágrafo. E, nesse caso, trata-se de uma senhora autoridade.

É evidente que a História não atingiu o grau de tecnicismo das ciências da natureza ou da vida, e não desejo que o atinja para que ela possa continuar a ser facilmente

compreensível e até controlável pelo maior número possível de pessoas. A História já tem a sorte ou a infelicidade (única entre todas as ciências?) de poder ser feita convenientemente pelos amadores. De fato, ela tem necessidade de vulgarização – e os historiadores profissionais nem sempre se dignam aceder a essa função-, no entanto, essencial e digna, da qual se sentem incapazes; mas a era da nova *media* multiplica a necessidade e as ocasiões para existirem mediadores semiprofissionais.

Referências bibliográficas

- BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo: EDUNESP, 2002 [1992].
- BUSTOS, R. et al. *Revolução mexicana*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- CHIAPPINI, L. "Literatura e História". *Literatura e Sociedade*, São Paulo, nº40, 1998.
- DUBY, G. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1980, in Le Goff (2003), p.38.
- GOMES, M. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- HERÓDOTO. *História, Livro II (Euterpe)*. Brasília, UnB, 1982.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 2003 [1977].
- LEWIS, J. (ed.). *O grande livro do jornalismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- MATTELART, A; M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SCOTT, J. "História das mulheres". In BURKE, P. (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992, pp.63-95.
- SILVA, C. E. *Correspondente internacional*. São Paulo: Contexto, 2011.
- REED, J. *México insurrecto*. Lisboa: Antígona: 2000 [1914].
- REED, J. *Eu vi um novo mundo nascer*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- TARDE, G. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WEBER, M. "A política como vocação". In *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.